



CURSO DE GEOGRAFIA

VÁ SE EMBORA CANARINHO, VÁ CANTAR NO SEU SERTÃO:
A vida no campo e a transição para a vida urbana relatada através da moda de viola
nas décadas de 1970 até os anos 2000

Maico Douglas Valduga

Chapecó, julho de 2025.

MAICO DOUGLAS VALDUGA

VÁ SE EMBORA CANARINHO, VÁ CANTAR NO SEU SERTÃO:

A vida no campo e a transição para a vida urbana relatada através da moda de viola nas décadas de 1970 até os anos 2000

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

Chapecó, julho de 2025.

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Valduga, Maico Douglas

VÁ SE EMBORA CANARINHO, VÁ CANTAR NO SEU SERTÃO:: A vida no campo e a transição para a vida urbana relatada através da moda de viola nas décadas de 1970 até os anos 2000 / Maico Douglas Valduga. -- 2025.

39 f.

Orientador: Doutor Marlon Brandt

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2025.

1. Caipira, Moda de Viola e Geografia Cultural. I. Brandt, Marlon, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MAICO DOUGLAS VALDUGA

VÁ SE EMBORA CANARINHO, VÁ CANTAR NO SEU SERTÃO:

A vida no campo e a transição para a vida urbana relatada através da moda de viola nas décadas de 1970 até os anos 2000

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

Esse trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 11/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina Otsuschi – UFFS
Presidente

Prof. Dr. Fernando Rosseto Gallego Campos - IFSC Chapecó
Avaliador

Profa. Dra. Lídia Antongiovanni – UFFS
Avaliadora

Agradecimentos

A jornada que culminou na elaboração desta pesquisa é, antes de tudo, um testemunho de fé, resiliência e amor. A Deus, em primeiro lugar, toda a minha gratidão e louvor. Nos momentos de incerteza, quando a criatividade parecia se esvaír e os desafios se impunham, foi na fé e no amparo da Igreja Católica que encontrei a força, a inspiração e a clareza para seguir adiante. A espiritualidade foi um pilar inabalável que me guiou, me conectou com um propósito maior e me permitiu transformar pensamentos em palavras, e sentimentos em conhecimento.

Aos meus pais Orildo e Leonilda, o alicerce fundamental de toda a minha existência, dedico este trabalho com o mais profundo carinho e reconhecimento. Foram vocês que, com imenso sacrifício e amor incondicional, me apoiaram na corajosa decisão de deixar o campo em busca do estudo. Essa saída, embora necessária, jamais apagou a cultura caipira que pulsa em meu coração; a roça, seus valores e seu modo de vida permaneceram vivos em minha alma. A toda a minha família, que esteve ao meu lado em cada passo dessa caminhada, oferecendo suporte, compreensão e o porto seguro de um lar. O apoio de vocês foi a força motriz que me permitiu transpor as barreiras e colocar no papel uma pesquisa que brotou do afeto e da vivência.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marlon Brandt, cuja colaboração foi essencial para a construção deste texto, meus sinceros agradecimentos. Sua generosidade em compartilhar referências e seu apoio inestimável foram cruciais para que eu pudesse elaborar esta pesquisa com a profundidade e a paixão que ela merecia. Sua compreensão e incentivo são valiosos. Aos meus amigos (não citarei nomes, pois sei que seria injusto caso eu esquecesse de citar alguém) companheiros de jornada que, com sua presença e amizade, tornaram cada etapa mais leve e significativa. Vocês foram fundamentais para que eu persistisse nessa caminhada.

À minha namorada Andressa, pela compreensão, paciência e por cada momento de apoio e carinho. Sua presença foi um refúgio e um incentivo constante para que eu superasse os obstáculos.

Ao meu município de origem, Anchieta, no Extremo Oeste de Santa Catarina, minha eterna gratidão. Foi em suas terras e sob sua influência que fui criado e

moldado, forjando o caipira que sou, com a cultura e a essência da roça que levo em meu ser.

Por fim, e reafirmando a essência deste trabalho, a frase que ecoa em minha alma e resume o espírito desta jornada:

"Sou caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida" (Teixeira, Renato. Romaria, 1977).

RESUMO

A vida no campo moldou o Brasil e suas configurações atuais, tornando fundamental a compreensão da cultura e das vivências das pessoas que são ou que vieram do meio rural para o estudo da sociedade brasileira. Este estudo tem como objetivo geral investigar como a moda de viola serve como ferramenta para compreender a cultura e a vivência do homem do campo, sua percepção das transformações socioterritoriais, como o êxodo rural, e a construção de sua identidade. Para tanto, empregou-se uma metodologia qualitativa, com análise interpretativa das letras de modas de viola, selecionadas por sua relevância na representação da vida rural, da migração e do retorno ao campo, a partir das lentes da geografia cultural. Os resultados demonstram que a moda de viola é um repositório expressivo das memórias, valores e sentimentos do povo do campo, idealizando o rural e criticando as dificuldades da vida urbana. A análise revelou as tensões da transição, as perdas identitárias e a persistência do forte vínculo afetivo com o espaço de origem, reiterando a eficácia da geografia cultural, aliada à análise musical, na compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e espaciais do Brasil.

Palavras-chave: Campo, Cultura, Vivência, Moda de viola.

ABSTRACT

Rural life has shaped Brazil and its current configurations, making the understanding of the culture and experiences of people who are from or came from rural areas fundamental for the study of Brazilian society. This study's general objective is to investigate how "moda de viola" (Brazilian country folk music) serves as a tool to comprehend the culture and experiences of the rural individual, their perception of socio-territorial transformations, such as rural exodus, and the construction of their identity. To this end, a qualitative methodology was employed, featuring an interpretive analysis of "moda de viola" lyrics, selected for their relevance in representing rural life, migration, and the return to the countryside, through the lens of cultural geography. The results demonstrate that "moda de viola" is an expressive repository of the memories, values, and feelings of rural people, idealizing the rural and critiquing the difficulties of urban life. The analysis revealed the tensions of transition, identity losses, and the persistence of a strong emotional bond with the place of origin, reaffirming the effectiveness of cultural geography, combined with musical analysis, in deeply understanding Brazil's social and spatial dynamics.

Keywords: Countryside, Culture, Experiences, *Moda de viola*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	13
3 A MÚSICA E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA	18
4 ANÁLISE DAS MÚSICAS	23
4.1 CAIPIRA DE CORAÇÃO (LOURENÇO E LOURIVAL)	24
4.2 LEVANTA PATRÃO (Tião Carreiro e Pardinho)	27
4.3 CANARINHO PRISIONEIRO (Chico Rey e Paraná)	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS:	35

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa emerge de uma profunda paixão humana pelo canto e suas intrínsecas manifestações culturais, atreladas às especificidades do espaço e de suas vivências. Inspirado pela conexão indissolúvel entre o ser humano e a melodia, este estudo se configura como um grande ensaio sobre a forma como as características únicas do canto se entrelaçam com as paixões e os sentimentos das famílias que tiveram no campo. Busca-se, nesse sentido, explorar como a música se torna um espelho da alma das pessoas que vieram do eixo rural, refletindo sua relação com o espaço geográfico, suas tradições e suas transformações. Ao analisar a representação do espaço e do cotidiano rural nas canções, o estudo desvenda as camadas de significado que unem o indivíduo do campo ao seu ambiente. A pesquisa não apenas documenta, mas também elabora uma compreensão aprofundada de como essa paixão pelo território e pela cultura é expressa e perpetuada através da música, tornando-se um valioso objeto de análise para a geografia cultural.

O termo caipira e a própria cultura caipira, com suas complexas manifestações e modos de vida, tornaram-se, ao longo da história acadêmica brasileira, alvo de importantes estudos. Dentre os pesquisadores que se dedicaram a desvendar essa realidade, destacam-se Antonio Candido (2010), cuja obra seminal aprofundou a compreensão do caipira como um tipo humano e social, e Darcy Ribeiro (1995), que em sua vasta análise sobre a formação do povo brasileiro também abordou as particularidades da vida rural e sua contribuição para a identidade nacional.

Dentro do escopo desta pesquisa, a compreensão da cultura caipira é fundamental para analisar as vivências e transformações socioterritoriais. O termo "caipira" não se restringe a uma designação geográfica ou econômica, mas expressa uma identidade e um modo de vida peculiares. Conforme Guerra (2022, p. 241), uma compreensão do que seria o caipira o define como um "tipo humano específico: refere-se aos homens e mulheres livres e pobres do campo de uma ampla região do interior do Brasil, que compreende os atuais estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e estados adjacentes". Essa perspectiva entende o caipira como as populações rústicas que povoaram as extensas áreas dos sertões, não ocupadas pelos latifúndios escravocratas.

Essa designação abrange um conjunto de práticas culturais elementares desenvolvidas ao longo dos séculos pela população camponesa do centro-sul brasileiro. Tais aspectos se manifestam em técnicas de trabalho rudimentares, tanto individuais quanto coletivas, empregadas na roça e na criação de animais, bem como na construção manual de benfeitorias e artefatos (Guerra, 2022, p. 241). As relações comunitárias baseavam-se na vizinhança e no compadrio, e os valores e costumes tradicionais provinham do catolicismo popular e santoral. Expressões culturais como festas religiosas, folguedos, expressões musicais (moda de viola e cantos de trabalho), danças como cururu e catira, culinária típica e o dialeto caipira são componentes intrínsecos dessa matriz cultural (Guerra, 2022, p. 241). Compreender o caipira sob essa ótica permite desvendar as complexidades de sua adaptação e resiliência diante dos processos de modernização e urbanização.

A profundidade da teoria da articulação do humano com o espaço é imprescindível para entender como a música nasceu e como ela mesma exemplifica essa relação fundamental entre humano e ambiente. A geografia cultural é a chave para desvendar o convívio humano com o espaço, suas ações e manifestações. Nesse recorte específico, ela se alinha perfeitamente como o método para projetar a moda de viola como uma manifestação cultural autêntica, especialmente ao focar nas expressões daqueles que vieram do campo. Afinal, a geografia cultural é o estudo de "como o significado cultural molda o mundo material, e como o mundo material, por sua vez, molda o significado cultural" (Jackson, 1989 p.7). Isso significa que a música não é um mero produto do acaso ou da genialidade individual, mas sim uma expressão intrínseca das condições geográficas e sociais em que se desenvolve. A moda de viola, portanto, torna-se um repositório de memórias, valores e modos de vida, que só podem ser plenamente compreendidos quando contextualizados em seu ambiente de origem.

A vitalidade da geografia cultural tem sido notavelmente redesenhada a partir da década de 1980. Essa renovação tem ressaltado a importância das diferenças de natureza cultural, que se acentuam a despeito da globalização, e que minimizam a ideia de que a organização espacial seja inteligível apenas com base nos processos de produção. Conforme Corrêa (1995, p. 1), a geografia cultural "reaparece entre os geógrafos com enorme vitalidade". Corrêa (2014, p. 28) destaca que essa renovação "exibe em muitos trabalhos as dimensões política e econômica, ora relativamente separadas, ora fortemente conectadas". Essa abordagem permite que a cultura seja

entendida como os significados elaborados e reelaborados a respeito das construções materiais e intelectuais vinculadas a todas as esferas da vida, incluindo a espacialidade humana, tornando a geografia cultural um subcampo interpretativo fundamental para a inteligibilidade dos mapas de significados que os indivíduos constroem com base em suas experiências e visões de mundo.

O êxodo rural, fenômeno central na história brasileira e na cultura caipira, ganha novas camadas de interpretação sob essa ótica. A migração massiva do campo para a cidade, impulsionada por fatores econômicos e sociais, representa não apenas um deslocamento físico, mas uma profunda reconfiguração cultural e simbólica. A música caipira, nesse contexto, pode ser vista como uma paisagem residual e emergente na perspectiva das paisagens alternativas propostas por Cosgrove (1989), citado por Corrêa (1995). Ela permite a reconstrução da geografia do passado, ao mesmo tempo em que expressa a utopia de uma nova organização social, ou a resistência a um modelo que desagrega o tecido rural. As dificuldades de adaptação do caipira no ambiente urbano, a perda de sua identidade original e a busca por um novo lugar de pertencimento são temas que a moda de viola traduz em sonoridades e narrativas que, assim como as paisagens excluídas, são ricas em símbolos e significados para o grupo que as vive e as produz.

A moda de viola, enquanto objeto de estudo desta pesquisa, aprofunda a compreensão sobre a vivência no campo e as transformações socioterritoriais ocorridas, especialmente, entre as décadas de 1970 e 1980, período crucial da urbanização brasileira. Estendendo essa análise até os anos 2000, o estudo busca revelar como essa manifestação cultural reflete a vida rural e as complexas transições vivenciadas pelo indivíduo que deixa o campo para se inserir no meio urbano. Essa abordagem permite investigar, por meio das canções, o modo de vida no campo, a percepção dessa mudança e o afeto inabalável do caipira por suas raízes, elementos centrais para entender a cultura e a identidade caipira.

A vida no campo, com sua riqueza cultural e complexidade inerente, oferece um campo fértil para a pesquisa. Essa complexidade se manifesta na forma como a moda de viola se tornou uma representação social importantíssima para quem se originou do lugar rural (fora do urbano) ou para quem ainda reside nele. Ela transcende o simples entretenimento, funcionando como um pilar de identidade e pertencimento. A música, em sua essência, explica muito sobre as dinâmicas sociais, principalmente no eixo do campo e suas adaptações frente às

transformações humanas e sociais. A moda de viola, enquanto objeto de pesquisa, ilustra essa adaptação ao modo de vida urbano, às novas formas de trabalho e, paradoxalmente, a persistência do próprio modo de vida rural. Esses elementos são imprescindíveis para desenvolver um entendimento aprofundado da sociedade, pois revelam as estratégias de resiliência e as tensões culturais enfrentadas pelas populações rurais em transição.

O ser humano produz inúmeras formas para explicar sua realidade, e nesse sentido, a moda de viola, neste recorte, elucida eventos significativos como a urbanização e o êxodo rural, além de pintar um quadro vívido da vida caipira. Ela se torna uma espécie de crônica sonora, onde as letras e melodias expressam as saudades, os desafios, as perdas e as novas realidades vivenciadas por aqueles que deixaram o campo em busca de oportunidades na cidade. Para compreender como a urbanização brasileira nasceu e se desenvolveu, é indispensável analisar dois eixos principais: o modo de vida rural e o modo de vida urbano. Cada um possui suas especificidades e características próprias que os diferenciam.

As diferenças se manifestam notavelmente no local e na forma de trabalho de ambas as conjunturas. Como bem apontado por Ribeiro (1995, p. 363), "a vida rural contendo um regime de trabalho voltado para o sustento e não para o comércio", estabelece um claro contraponto com a vida urbana, que é intrinsecamente ligada à produção de capital. Essa distinção econômica e de propósito molda não apenas as atividades diárias, mas também a visão de mundo, os valores e as prioridades dos indivíduos em cada ambiente. A música caipira reflete essa autonomia e essa relação mais direta com a terra, distanciando-se da lógica de mercado que impera nas cidades.

No eixo rural, a vivência do povo caipira se destacava não apenas pelo trabalho, mas por uma cultura riquíssima e profundamente enraizada. A música, em particular, tornou-se um grande veículo de divulgação da cultura caipira, com suas características e melodias singulares. É fundamental entender que, como observa Martins (1975, p.105), "a música caipira nunca aparece só enquanto música. Não apenas porque sempre tem acompanhamento vocal, mas é sempre acompanhamento de algum ritual de religião, de trabalho ou de lazer". Isso sublinha que a moda de viola não é apenas som, mas uma parte integrante e funcional da vida, tecida no tecido das experiências cotidianas e rituais do povo do campo. Ela é um elemento de coesão social, um meio de transmissão de saberes e um alicerce

para a manutenção da identidade cultural em face das pressões da modernidade e da urbanização. Aprofundar o estudo da moda de viola é, portanto, aprofundar o entendimento de um segmento fundamental da formação social e cultural brasileira.

Para a realização deste estudo, a metodologia adotada consistiu na análise qualitativa das letras de músicas de moda de viola, selecionadas por sua representatividade na temática da vida no campo, do êxodo rural e da adaptação à cidade. As letras foram interpretadas à luz dos conceitos da geografia cultural, permitindo desvendar os significados que a cultura caipira atribui ao espaço e às transformações sociais. Importante ressaltar que os intérpretes dessas canções, como Tião Carreiro e Pardinho, Lourenço e Lourival, e Chico Rey e Paraná, frequentemente possuem raízes caipiras ou uma profunda conexão com esse universo, o que confere autenticidade e sensibilidade às suas composições e interpretações, tornando-as um valioso material de pesquisa para compreender a vivência do povo do campo.

Este trabalho está estruturado em seções que buscam construir uma compreensão progressiva da relação entre música, geografia e sociedade. A primeira seção apresenta o objeto de pesquisa, o recorte espacial e temporal, e a relevância da moda de viola no estudo da cultura caipira e das transformações socioterritoriais. A seção seguinte, "Contextualização da Pesquisa", discute a emergência do êxodo rural no Brasil e suas consequências demográficas e sociais, explorando as dificuldades enfrentadas pelos migrantes na cidade. Em "A Música e Sua Relação com a Geografia", aprofunda-se a discussão sobre a geografia da música e a geografia cultural como campos de estudo, demonstrando como a música serve como eixo de comunicação e análise do espaço geográfico. Por fim, a seção "Análise das Letras", dedica-se à interpretação das canções selecionadas, revelando a ótica do caipira sobre o campo, a cidade e a transição, articulando as letras com as teorias geográficas e culturais apresentadas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Com a música sendo esse eixo de comunicação, a geografia cultural apresentou ideias que elaboram o por que o indivíduo rural procurou a música para representar sua vivência no espaço geográfico:

seja analisando e compreendendo a sociedade e seu território por meio dos discursos e práticas musicais, seja no desvelamento das formas com que a música se investe no espaço, produzindo geografias concretas e imaginárias, sociabilidades, resistências, cenas e identidades sociais de base espacial (Panitz, 2021 p.25).

Porém, com o aumento da industrialização e da demanda por mão de obra, impulsionada pela grande urbanização brasileira que se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, o trabalhador do campo se tornou um alvo. Desta forma, nasceu um fenômeno fundamental para compreender as divergências da vida rural com a vida urbana, o denominado êxodo rural. “No caso do Brasil, pode se verificar que ocorreu um crescimento baseado no êxodo rural” (Hassler, 2006, p. 29), a urbanização brasileira coincidiu com o êxodo rural, assim se constituiu as cidades brasileiras, fomentadas pelo êxodo rural.

A vida no campo não era fácil, por isso a cidade se tornou um alvo para o povo rural. “Os motivos que levavam a essa mobilidade espacial eram vários, mas em sua grande maioria, eram guiados pelo anseio de encontrar novas e melhores possibilidades de vida” (Hassler, 2006, p. 29). No entanto, “a industrialização ofereceu empregos urbanos à população rural” (Ribeiro, 1995, p. 198), e o grande crescimento econômico e a urbanização acelerada exigiam uma mão de obra que se encaixasse em temporalidades e mentalidades urbanas. O povo rural, com um modo de vida e trabalho muito bem enraizados no ritmo do campo, frequentemente não encontrava compatibilidade com as exigências dos empregos ofertados nas cidades, onde as temporalidades eram distintas e as mentalidades voltadas para outros tipos de produção. Essa divergência acarretou várias dificuldades, como a marginalização e o desemprego das populações rurais no âmbito urbano.

A importância do êxodo rural no cenário brasileiro é inegável, sendo o principal motor do esvaziamento da população rural ao longo dos últimos 50 anos, sem apresentar uma atenuação significativa em nível nacional. Entre 1960 e 1980, o Brasil testemunhou um movimento migratório de proporções colossais, com 27 milhões de pessoas deixando o campo. Tal magnitude fez do êxodo rural brasileiro um dos mais intensos globalmente, tanto em termos proporcionais quanto em números absolutos da população rural atingida. Essa tendência persistiu de forma expressiva, alinhando-se a dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a cada década desde 1950, um terço dos brasileiros que residiam no meio rural optaram por emigrar. Os anos 90, embora com certas variações regionais, não alteraram substancialmente essa dinâmica, e estimativas indicavam que quase 30% da população rural de 1990 teria mudado de residência até o ano 2000 (abrangência temporal do presente estudo), reforçando a continuidade do processo de desruralização.

A população rural brasileira atingiu seu pico em 1970, com 41 milhões de habitantes, representando 44% do total nacional. Desde então, o meio rural tem experimentado um declínio populacional tanto relativo quanto absoluto, chegando a 33,8 milhões de habitantes em 1996, o que corresponde a apenas 22% do total nacional. A principal causa dessa redução é, conforme Camarano e Abramovay (1999) e dados do IPEA, os movimentos migratórios, embora mais recentemente a queda da fecundidade rural também tenha contribuído para a diminuição do ritmo de crescimento dessa população.

Através dessa nova configuração demográfica brasileira, o êxodo rural, já amplamente discutido como um motor de reconfiguração demográfica e cultural no Brasil, impõe aos migrantes do campo desafios que transcendem a mera mudança geográfica, atingindo aspectos profundos de sua vivência e identidade. Conforme Gonçalves (2001, p. 173), as migrações não são apenas deslocamentos físicos, mas "o lado visível de fenômenos invisíveis", atuando como "verdadeiros termômetros que, ao mesmo tempo, revelam e escondem transformações ocultas". Nesse contexto, a chegada à cidade, muitas vezes vista como a concretização da busca por melhores condições de vida, revela-se um processo complexo, permeado por dificuldades de adaptação, marginalização e um embate com a própria identidade.

Uma das primeiras e mais pungentes dificuldades enfrentadas pelos migrantes é a própria natureza da saída e da chegada, frequentemente um processo

traumático. Gonçalves (2001, p. 157) descreve que "o golpe da migração costuma ser duro e profundo", gerando situações de solidão, saudade e anomia que se repetem com frequência. A ruptura com a terra natal e a comunidade de origem afeta não apenas quem parte, mas também quem fica; na chegada, a adaptação ao novo local nem sempre é tranquila. Nesses momentos, não raro, o desespero pode bater à porta. Essa vulnerabilidade inicial é agravada pela nova realidade social e econômica que, muitas vezes, não corresponde às expectativas geradas pela ânsia de encontrar novas e melhores possibilidades de vida.

A industrialização, embora tenha oferecido empregos urbanos, frequentemente não os alinhava com o modo de vida e trabalho tradicional daquele do campo. Essa incongruência acarreta uma série de dificuldades, incluindo a marginalização e o desemprego das populações rurais no âmbito urbano. Gonçalves (2001, p. 173) corrobora essa perspectiva ao afirmar que "a miséria que se espalha pelas cidades e o esvaziamento do campo têm, como se sabe, causas bem mais complexas", incluindo fatores como a crise econômica e o desemprego crescente, as transformações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações. A mobilidade humana é em geral um sintoma de grandes transições, e no caso do Brasil, essa transição muitas vezes impele os trabalhadores a deslocamentos compulsórios, não por livre escolha, mas por motivos de vida ou morte, onde a própria sobrevivência está em jogo. Daí, segundo Gonçalves (2001, p. 174), a insistência em que ao direito de ir e vir corresponder o direito de "ficar", e que "migrar deve ser uma decisão livre e não forçada pela sobrevivência".

A precarização das relações de trabalho é um entrave significativo para o migrante rural na cidade, conforme detalha Gonçalves (2001). Termos como "flexibilização e terceirização" são janelas para entender um processo que vem precarizando as relações de trabalho, diminuindo os empregos estáveis e multiplicando os "bicos". O trabalhador migrante, correndo atrás de "bicos" e disputando as migalhas do mercado, vê-se forçado a um vaivém contínuo por uma sobrevivência cada vez mais difícil, e não raro, ao esfacelamento do grupo familiar. Essa realidade contrasta drasticamente com a vivência no campo, onde o trabalho e as relações sociais eram intrinsecamente ligadas à terra e à comunidade. Gonçalves (2001) ainda destaca que grandes obras e empresas preferem contratar mão de obra temporária, que se adapta à oscilação da demanda e isenta as empresas de encargos sociais onerosos, o que acentua a precariedade.

Além das dificuldades materiais, o migrante rural enfrenta um profundo desafio de identidade no novo universo urbano. Gonçalves (2001, p. 182) explica que o universo urbano não se refere somente à área da cidade, mas é "uma nova mentalidade, uma nova linguagem, um novo jeito de ser - se quisermos, uma nova cultura!". O "ser urbano é o cidadão do século XXI", e essa cultura, na qual predomina o pluralismo religioso e multiétnico, não se restringe à geografia da cidade. Por vezes, ela até exerce maior fascínio no campo, um universo que se contrapõe ao universo rural.

A identidade "caipira" ou rural, construída em um ambiente de proximidade com a terra, com rituais sociais específicos e uma forte ligação com a natureza e o trabalho agrícola, é posta à prova no ambiente urbano. O medo de perder essa identidade é uma preocupação subjacente, embora nem sempre explicitada. A adaptação exige que o migrante reconfigure seus laços sociais e culturais. Gonçalves (2001, p. 181) aponta a necessidade de "resgatar a história e a cultura dos migrantes, seja em termos individuais, seja em termos coletivos". Isso implica abrir espaços onde "os distintos grupos e pessoas possam se manifestar", e "sem cair num saudosismo ineficaz, como valorizar as expressões culturais e religiosas, fazendo delas novos instrumentos de readaptação e de luta. A libertação e a construção da cidadania passam, necessariamente, pela superação dos traumas acumulados pelo caminho, exigindo tempo e espaço para contar a própria história. Falar é uma forma de exorcizar os medos e as sombras que dominam o passado, transformando a história pessoal e coletiva em fonte de novas experiências. A luta pela cidadania real, segundo Gonçalves (2001, p. 173), não pode esquecer a dimensão antropológica do canto, da música, da dança, da alegria e da festa.

Em síntese, o êxodo rural é um processo de mão dupla: enquanto a cidade atrai, ela também impõe severas condições de adaptação e reinvenção da identidade. As dificuldades não se limitam à subsistência material; elas se estendem à esfera cultural e emocional, exigindo que o migrante rural resgate sua história e suas raízes enquanto navega por um universo urbano que, muitas vezes, não o compreende ou o acolhe plenamente. A luta pela cidadania para esses indivíduos passa, portanto, pelo reconhecimento de suas vivências, pela garantia de seus direitos e pela construção de um espaço onde sua identidade, mesmo em transformação, possa ser valorizada.

Com a discrepância entre o modo de vida e de trabalho entre o rural e urbano, o povo rural que já possuía uma estabelecida relação com a música, viu na moda de viola um meio cultural de expressar seus sentimentos e sensações. As modas de violas iam desde citações sobre a mão de obra até a vivência caipira. Neste sentido a canção Canarinho Prisioneiro de Chico Rey e Paraná no trecho: “Me levaram pra cidade, me trocaram por dinheiro.” demonstra a adaptação do sujeito rural em relação ao modo de trabalho urbano. O pertencimento à vida rural também era um tema elaborado pelas canções, na canção Caipira de Coração de Lourenço e Lourival o trecho: “O que me inspira é o som da catira porque sou caipira de coração” transporta o sentimento pelo meio natural e também pela cultura caipira presente naquele indivíduo.

Assimilar como se deu a formação da urbanização é um processo denso, são inúmeras camadas que compõem a própria urbanização. Entre vários pontos que buscam entender e mostrar como o processo migratório campo para cidade, a moda de viola se destaca como um importante eixo de explicação de vários fenômenos, tais como a urbanização e o êxodo rural.

A música se tornou ferramenta fundamental para expressar sentimentos e vivências, sendo assim uma produção cultural para explicar mazelas ou até mesmo o modo de vida exercido. Mas, entender como a música se torna essa ferramenta não é algo simples, porém há alguns caminhos que ajudam a encontrar um norte nesta questão. A geografia cultural com suas produções apresenta o porquê o sujeito do campo viu na música essa ferramenta, nela também se encontra a relação homem e espaço para a produção cultural.

Interpretar sobre a moda viola ser uma ferramenta de representação cultural caipira é uma importante ação para alimentar análises sobre a sociedade urbana. Deste modo, entender quem vive no âmbito rural, seus modos, sua cultura e sua adaptação ao urbano é de cunho fundamental para o entendimento da vida urbana, pois já diria a clássica moda: Saudades da Minha Terra: “o que me adianta viver na cidade se a felicidade não me acompanhar”.

3 A MÚSICA E SUA RELAÇÃO COM A GEOGRAFIA

A música, frequentemente percebida como uma mera manifestação artística ou forma de entretenimento, revela-se, sob a ótica da geografia cultural, um potente eixo de comunicação e análise do espaço geográfico e da vivência humana. Longe de ser apenas um pano de fundo, a música ativa-se como um elemento dinâmico na produção e na representação das geografias, concretas e imaginárias, e das complexas sociabilidades e identidades sociais de base espacial. Essa perspectiva, que tem ganhado terreno no campo da geografia brasileira, especialmente nas últimas três décadas, conforme Panitz (2021), oferece ferramentas valiosas para a compreensão de fenômenos complexos, como o êxodo rural e suas múltiplas dimensões, demonstrando como a música e a geografia dialogam para desvendar as teias que unem sociedade e território.

A geografia da música, como campo de pesquisa, tem se consolidado como um promissor caminho para desvelar as relações entre espaço e cultura. Panitz (2021, p. 13) ressalta que essa área contribui "para a compreensão das relações entre espaço e cultura", ao mesmo tempo em que a geografia "tem contribuído para os estudos da música ao registrar e analisar a sociedade brasileira e sua música na perspectiva de sua espacialidade". Essa interconexão intrínseca é a base para entender como a música não apenas reflete, mas também constrói o espaço, as identidades e as experiências humanas. A música atua como um poderoso espelho e agente das transformações geográficas e sociais, capaz de registrar e expressar as vivências humanas no espaço. No contexto do êxodo rural brasileiro, por exemplo, ela se torna uma fonte inestimável para compreender as complexas transições e os desafios enfrentados pelos migrantes. Peterlini (2022, p. 1) destaca que a música é um recurso legítimo para os jovens expressarem seu mundo e sentimentos, auxiliando a "dialogar, encontrar aqueles que 'falam a mesma língua', que tem histórias e sonhos parecidos, contam a mesma realidade vivida; também contribuem para afirmar raízes, tradições". Essa capacidade de expressar realidades e sentimentos se estende à representação de grandes movimentos populacionais e suas consequências.

O fenômeno do êxodo rural, que viu milhões de brasileiros trocarem o campo pela cidade, é um exemplo primordial de como a música documenta e reflete as profundas mudanças na sociedade. A população rural brasileira atingiu seu auge em

1970, com 41 milhões de habitantes, mas desde então, o meio rural tem experimentado um declínio populacional acentuado, chegando a 33,8 milhões em 1996, o que representava apenas 22% do total nacional. Esse movimento foi impulsionado pela industrialização e a busca por melhores possibilidades de vida nas cidades. No entanto, a migração não se deu sem perdas e dificuldades.

A música caipira, em particular, surge como uma fonte riquíssima para desvendar essas nuances. Peterlini (2022, p. 7) enfatiza que a música caipira "funcionava como mediador da adaptação cultural destes migrantes, que entravam num cenário de configuração capitalista". Ela promovia a memória da cultura caipira tradicional, "contribuindo também para a resistência e sobrevivência dos seus valores". Canções como "Saudade de minha terra", composta por Goiás e Belmonte e gravada originalmente em 1967, tornam-se um bom exemplo de fonte para compreender o êxodo rural, a memória caipira e as relações do trabalhador rural com a vida urbana e suas lembranças da terra natal. A letra dessa música, ao expressar o anseio de retornar ao sertão e a tristeza de viver na cidade, com versos como "De que me adianta viver na cidade / Se a felicidade não me acompanhar / Adeus paulistinha do meu coração / Lá pro meu sertão eu quero voltar" (Goiás; Belmonte, 1967), ilustra poeticamente a tensão entre o ambiente rural e o urbano, bem como o sentimento de perda de identidade.

A perda populacional rural não implicou, necessariamente, no acesso imediato a condições mínimas da vida urbana; muitas vezes, a desruralização não é sinônimo de urbanização, apontando para as dificuldades de integração e a marginalização dos migrantes. A miséria que se espalha pelas cidades e o esvaziamento do campo têm, como se sabe, causas bem mais complexas, incluindo a crise econômica e o desemprego crescente, que contribuem para os deslocamentos compulsórios da população pobre. A música, nesse cenário, dá voz a essa experiência, expressando a dura realidade de um mercado de trabalho precarizado, onde empregos estáveis diminuem e "bicos" se multiplicam.

A questão da identidade é central na análise das dificuldades dos migrantes rurais. Antonio Candido definiu o caipira não como um tipo racial, mas como um "modo-de-ser, um tipo de vida", caracterizado por "isolamento; posse de terras; trabalho doméstico; auxílio vicinal; disponibilidade de terras; margem de lazer" (Candido, 2010, p. 4).

Esse contraste gera um dilema existencial para o migrante, que se vê diante da possibilidade de perder parte de sua identidade rural ao entrar em um cenário de configuração capitalista. A música caipira, nesse contexto, torna-se um mediador cultural, auxiliando na transição ao trazer à memória a vida rústica e inserindo os elementos das tensões presentes nas relações sociais urbanas. A geografia da música aborda essa tensão identitária ao analisar como as representações do espaço e do modo de vida rural são mantidas ou transformadas na música. Panitz (2021) destaca que os estudos em geografia da música no Brasil têm valorizado a diversidade musical do país e suas relações com as identidades geográficas/espaciais, a produção de símbolos e territorialidades, representações dos espaços, poéticas geográficas e dinâmicas do espaço urbano. A música, ao evocar o campo, suas paisagens e costumes, permite que o migrante mantenha uma conexão com suas raízes, mesmo distante fisicamente. Essa conexão é vital para a resistência cultural e a sobrevivência de valores que, de outra forma, poderiam ser suprimidos pela homogeneização urbana.

O medo de perder a identidade manifesta-se na nostalgia e no lamento presentes em muitas canções caipiras que abordam o êxodo. A letra de "Saudade de minha terra" é um exemplo claro dessa nostalgia, expressando o arrependimento por ter deixado o local de origem e a "saudade imensa do campo e do mato" (Goiá; Belmonte, 1967). Essa expressão musical é uma representação da experiência humana, conforme Roger Chartier (1991, p. 183), que define as representações como o modo como "em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler". A música, portanto, não é apenas um registro, mas um ato de representação que ajuda a construir e a manter a identidade de um grupo social, mesmo em face de grandes transformações.

A simbiose entre música e geografia transcende a mera representação e adentra a própria produção do espaço e da cultura. A geografia cultural, como campo de estudos, encontra na música um terreno fértil para sua elaboração e institucionalização. Panitz (2021, p. 13) afirma que a geografia da música, especialmente no Brasil, tem contribuído para "registrar e analisar a sociedade brasileira e sua música na perspectiva de sua espacialidade". Isso significa que a música não apenas reflete o espaço, mas também o produz e transforma. As abordagens em geografia da música no Brasil, que Panitz (2021) classifica em humanista, cultural/social e ensino de geografia, demonstram essa amplitude. A

perspectiva humanista foca no "espaço vivido, a geograficidade e o lugar como conceitos centrais de análise", com temas como a música popular, o samba e o carnaval. Já as abordagens culturais e sociais, que visualizam a música como um elemento que envolve "produção do espaço, uso do território, criação de identidades, territorialidades, regionalidades e representações do espaço", mostram como a música é um agente ativo na conformação do ambiente geográfico. A música não é apenas algo que acontece no espaço; ela faz o espaço (Panitz, 2021, p. 24).

Ao produzir geografias concretas e imaginárias, sociabilidades, resistências, cenas e identidades sociais de base espacial, a música atua como um elemento territorializante. O samba e o carnaval, por exemplo, têm práticas territorializantes nas metrópoles brasileiras, enquanto o *rap* e o *hip hop* produzem territórios, representações e sociabilidades nos espaços periféricos. Esses exemplos demonstram a capacidade da música de organizar, significar e até mesmo contestar o espaço, transformando-o em território. Essa área de pesquisa não se limita a descrever onde a música é produzida ou difundida, ela busca considerar o lugar da música não como algo que a reduz à sua localização ou a um ponto exato no espaço, mas como uma abordagem rica em estéticas, culturas, economias e geografias políticas da linguagem musical. Isso valida a música como um objeto geográfico pleno, capaz de revelar as complexas interações entre a sociedade e seu ambiente. A música, portanto, não é apenas um "documento diferenciado" para o ensino de história (Abud, 2005, p. 315), mas uma manifestação geográfica em si mesma. Ela oferece uma lente única para entender as dinâmicas espaciais e sociais, incluindo as do êxodo rural. Ao analisar as canções que narram a saída do campo, as dificuldades na cidade e a saudade das raízes, a geografia, através da música, ganha uma dimensão mais humana e sensível, capaz de captar as experiências vividas e as transformações identitárias.

A interseção entre geografia e música oferece um arcabouço robusto para a compreensão de fenômenos como o êxodo rural. A música não só registra os fatos, mas também as emoções, as tensões e as representações associadas a esses movimentos. Ao investigar as canções caipiras que abordam a migração, é possível acessar a memória caipira e as relações que este trabalhador rural agora habitante da cidade grande tem com a vida urbana e com suas lembranças da terra natal. Peterlini (2022, p. 8) destaca que, ao analisar a música, é possível investigar como o

caipira "lembrava de sua terra de origem, como ele estava inserido na cidade, como ele enxergava sua vida". Isso permite uma compreensão mais holística do êxodo rural, que vai além dos dados demográficos e econômicos, adentrando o universo simbólico e cultural dos migrantes. A música, nesse sentido, se torna uma "preciosa fonte histórica, de onde é possível acessar os mais variados contextos" (Duque, 2012, p. 8). A geografia, ao incorporar a música como objeto de estudo, enriquece sua capacidade de explicar não apenas o "onde", mas o "como" e o "porquê" das interações humanas com o espaço. A análise da difusão de estilos musicais, das cenas e circuitos musicais, e das práticas territorializadas em metrópoles, como as ligadas ao samba e ao *rap*, ilustra como a música é parte integrante da produção do espaço urbano.

O êxodo rural, ao impulsionar o crescimento de cidades e suas periferias, cria novos palcos para o desenvolvimento de expressões musicais que, por sua vez, moldam a identidade desses novos espaços urbanos. O censo demográfico de 2000 revelou que 137.669.439 habitantes residiam na zona urbana, o que equivalia a 81,22% do total da população brasileira. Ele também aponta que, na década de 1960, 13 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade; nos dez anos seguintes, esse número aumentou para 15,5 milhões. Desde 1970, quando a população rural passou a ser minoritária, mais de 40 milhões de brasileiros migraram do campo para a zona urbana. A música reflete e é afetada por essas transformações, tornando-se um elemento de resistência, adaptação e expressão de novas identidades urbanas ou da manutenção das origens rurais. O diálogo entre geografia e música, portanto, é fundamental para uma compreensão mais completa dos fenômenos geográficos e sociais. A música, em sua capacidade de expressar discursos, práticas e identidades, permite aos geógrafos desvendar as complexas relações entre a sociedade e seu território. Ao estudar a música, a geografia não apenas se enriquece metodologicamente, mas também expande sua capacidade de interpretar as dinâmicas espaciais e humanas em sua totalidade, contribuindo para uma geografia cidadã, como proposto por Santos (1996).

A consolidação da geografia da música no Brasil, evidenciada pela crescente produção acadêmica e pela diversidade de abordagens, demonstra o reconhecimento de seu potencial. Ao explorar as narrativas e sonoridades que emergem do êxodo rural, a geografia não só compreende os movimentos populacionais em sua escala demográfica, mas também as nuances de suas

implicações sociais e culturais. A música, em seu poder de tocar o individual e o coletivo, permite que os fenômenos geográficos sejam compreendidos não apenas em números e estatísticas, mas em "nomes e rostos bem concretos", em "gente que trabalha e sofre, sonha e espera, luta e busca" (Gonçalves, 2001, p. 177). Nesse sentido, a música é, de fato, geografia. Ela revela as fissuras e as pontes construídas pelos sujeitos no espaço, a persistência da identidade caipira em meio à urbanização avassaladora, e o papel da cultura na resistência e adaptação. A interação entre esses dois campos de conhecimento oferece uma perspectiva holística e enriquecedora para decifrar as complexas relações entre a sociedade e o território, contribuindo significativamente para o avanço da geografia cultural e para uma compreensão mais humana do espaço geográfico brasileiro.

4 ANÁLISE DAS MÚSICAS

Para aprofundar a compreensão da vivência caipira e das complexas transformações socioterritoriais, esta seção se dedica à análise de letras de modas de viola, que servem como valiosos testemunhos poéticos das realidades do campo e da cidade. A escolha da música como objeto de estudo não é aleatória; ela se justifica pela sua intrínseca capacidade de expressar sentimentos, narrar experiências e, sobretudo, documentar o modo de vida de um grupo social. As canções se tornam, assim, uma ferramenta fundamental para expressar vivências e percepções, configurando-se como uma produção cultural que elucida tanto as mazelas quanto as particularidades do modo de vida exercido. Conforme Panitz (2021, p. 25), a música atua como um eixo de comunicação e a geografia cultural apresenta como o humano a utiliza para representar sua vivência no espaço geográfico, seja "analisando e compreendendo a sociedade e seu território por meio dos discursos e práticas musicais".

Ao analisar as letras dessas canções, que eram amplamente veiculadas em rádios, festas populares e encontros rurais nas décadas em que as migrações campo-cidade se intensificaram, é possível acessar uma rica camada de significados sobre a relação do caipira com seu ambiente. Martins (1975) escreveu sobre esse fenômeno cultural justamente quando as grandes migrações e a veiculação dessas músicas eram recentes, conferindo à sua análise um caráter de testemunho da época. Essas modas de viola, portanto, representam uma forma autêntica de expressão do povo rural, que viu na melodia e na poesia um meio de registrar suas emoções, seus desafios e suas esperanças diante das transformações sociais e espaciais. A análise subsequente das canções "Caipira de Coração", "Levanta Patrão" e "Canarinho Prisioneiro" buscará explorar essas representações e a forma como elas expressam a identidade caipira, o êxodo rural e a percepção da vida urbana sob a ótica daquele que veio do campo.

A análise das canções segue uma linha narrativa que espelha a trajetória do indivíduo oriundo do campo diante das transformações socioterritoriais. Inicialmente, a música "Caipira de Coração" se aprofunda na representação da vida no campo, explorando o modo de vida rural, suas tradições e a profunda conexão afetiva com a terra. Em seguida, "Levanta Patrão" aborda a difícil transição para o ambiente urbano, revelando os desafios do trabalho na cidade, as condições precárias e a

desilusão enfrentada. Por fim, "Canarinho Prisioneiro" conclui essa jornada, ilustrando as adversidades da vida citadina e, crucialmente, o sentimento de pertencimento e a redescoberta da felicidade ao retornar ao ambiente rural, seu verdadeiro lugar de origem e identidade.

4.1 CAIPIRA DE CORAÇÃO (LOURENÇO E LOURIVAL)

Letra da Canção Caipira de Coração (2004):

Eu fiz com carinho
No meu sitiozinho
Um simples ranchinho
Amarrado de embira

Fiz porta e janela
Todas com tramela
Fiz mesas daquela
Do gosto caipira

De lenha um fogão
Forno de assar pão
Também um pilão
Todo em sucupira

Monjolo e engenho
A tradição mantenho
Planto e sempre tenho
A minha cambuquira

Eu fiz de coqueiro
Um pequeno celeiro
Curral e chiqueiro
Para a criação

Eu fiz de sarilho
Um poço de atílio
E a roça de milho
Lá no espigão

Fiz remo e canoa
Caprichei na proa
Com madeira boa
Aqui do sertão

Fiz um samburá
Para eu pescar
Traíra e cará
Lá no ribeirão

Eu fiz a machado
Um cocho pro gado
Um banco talhado
Do cerne do ipê

Fiz quatro cadeiras
Uma prateleira
De sisal a esteira
Para adormecer

O sol me atrapalha
Na minha batalha
Fiz chapéu de palha
Pra me proteger

Fiz pra completar
Uma igreja e um altar
Aonde vou rezar
E tudo agradecer

Sou um homem do campo
Igual pirilampo
E assim eu estampo
Na minha canção

O brilho roceiro
Desse brasileiro
Puro e verdadeiro
Espelho da nação

Eu sou a raiz
Do nosso país
Me sinto feliz
E sem pretensão

O que me inspira
É o som da catira
Porque sou caipira
De coração

A música "Caipira de Coração", de Lourenço e Lourival, é um profundo mergulho na alma do homem do campo, revelando a essência do modo de vida caipira e a conexão inabalável com seu pedaço de terra. A canção, em sua narrativa, desdobra a importância do campo não apenas como espaço físico, mas como alicerce de uma identidade e de um afeto que moldam a existência.

Desde o primeiro momento, a canção transporta para a intimidade de um lar simples, construído com as próprias mãos e os materiais da natureza. Essa edificação, feita com esmero, já indica a autossuficiência e o conforto encontrado na singeleza do ambiente rural. A letra detalha um cotidiano onde utensílios como o fogão de lenha e o pilão são mais do que objetos; são símbolos de uma tradição mantida e da fartura que a terra generosa proporciona, ilustrando o prazer do caipira em cultivar e colher seu próprio sustento.

A vivência do caipira se estende à harmonia com a criação e com o ambiente natural. A música retrata o ciclo completo da vida na roça, desde o celeiro e o curral para os animais até a roça de milho no espigão, evidenciando a dependência e o manejo cuidadoso da natureza. A alegria da pesca no ribeirão, em harmonia com os ritmos naturais, reflete a satisfação nas atividades diárias e a profunda conexão com os recursos da terra. Cada detalhe, desde o cocho talhado para o gado até a esteira de sisal para o descanso, sublinha um trabalho dedicado e um vínculo visceral com o campo, onde o repouso é tranquilo, embalado pela consciência de uma vida em sintonia com a terra.

A espiritualidade permeia a existência caipira. A presença de uma pequena igreja e um altar no rancho demonstra a fé e a gratidão que nutrem o dia a dia, transformando o local de moradia em um santuário de bênçãos e celebrações. O ato de agradecer a tudo que o campo oferece reforça a humildade e a profunda conexão com o divino.

Nos versos finais, a canção se torna uma declaração apaixonada da identidade e do amor incondicional pelo campo. O eu-lírico se assume como um "homem do campo", que expressa o seu "brilho roceiro" em cada nota. Há um orgulho manifesto em suas raízes, em ser "a raiz do nosso país", encontrando felicidade e propósito na simplicidade da vida sem pretensões. A melodia da catira ressoa como a própria essência de sua alma. A música culmina ao declarar que ele é "caipira de coração", encapsulando a mensagem de que a vida rural não é apenas uma condição geográfica, mas uma escolha profunda, um sentimento que reside no mais íntimo do ser, e que o campo é o lugar onde o caipira encontra sua plena realização.

4.2 LEVANTA PATRÃO (TIÃO CARREIRO E PARDINHO)

Letra da canção Levanta Patrão (1996):

Um pobre trabalhador para melhorar de vida
Deixou a terra querida, seguiu pra lugar distante
À fim de ganhar dinheiro, chegou na cidade grande
Onde o progresso se expande, dinheiro corre bastante

Trazendo rica esperança, na sua pobre bagagem
Saúde e muita coragem, uma força de gigante

É de cortar o coração, coitado não teve sorte
O seu prêmio foi a morte, numa firma importante

O caboclo tinha raça com seus dois braços roliços
No seu primeiro serviço, atarracou de unha e dente
Homem de sangue na veia, honrado e trabalhador
Derramava seu suor, sorrindo sempre contente

Para Deus ele dizia estou fazendo o seu gosto
Com o suor do meu rosto, ganho o pão honestamente
Perdemos um companheiro, no serviço trabalhando
Quem ficou ficou chorando, meu Deus quem é que não sente

"Levanta patrão levanta pra ver o enterro passando
Perdemos um companheiro no serviço trabalhando"

Quase sempre ele dizia minha estrela ainda brilha
Vou rever minha família minha mãezinha doente
Foi tudo por água abaixo, o sonho desse coitado
Hoje vai ser enterrado, distante dos seus parentes

Levanta patrão levanta, pra ver um brasileiro morto
Procurando o seu conforto, morreu firme no batente
Amanhã vem outro dia, tenho que mandar o malho
Chorando vou pro trabalho, tocar o serviço pra frente

A canção "Levanta Patrão", de Tião Carreiro e Pardinho, oferece um panorama comovente da experiência do migrante rural que, impulsionado pela busca de melhores condições de vida, confronta-se com a dura realidade do ambiente urbano. A narrativa da canção expressa não apenas a jornada física de um trabalhador do campo, mas também a angústia do afastamento de suas origens, as condições de trabalho frequentemente desumanas na cidade e o trágico desfecho que pode ilustrar a violência de uma transição social marcada pela desilusão.

A composição se inicia com a esperança que move o trabalhador a deixar sua terra natal em busca de um futuro mais próspero. A cidade, com sua promessa de progresso e abundância financeira, surge como um horizonte atraente, em contraste com a vida mais simples do campo. O homem do campo chega ao novo destino com expectativas elevadas e a força de quem está acostumado à lida árdua e à superação.

Contudo, a canção rapidamente desvela a crueza da realidade urbana. A promessa de prosperidade se desfaz, revelando a precariedade da existência do migrante rural e a indiferença de um sistema que o absorve e o explora. O desfecho trágico, com a morte do trabalhador em um ambiente de produção industrial, contrasta fortemente com a dignidade da lida no campo, que, apesar das

dificuldades, mantinha uma conexão mais orgânica com a natureza e com o sustento familiar.

A letra ressalta a força e a integridade do trabalhador rural, mesmo diante das adversidades. A força física e a dedicação ao trabalho, características inerentes ao homem do campo, são destacadas em sua busca por um sustento honesto. A ética de trabalho e a moralidade, profundamente enraizadas na cultura caipira, são evidentes em sua convicção de que o esforço diário é um caminho de dignidade e propósito.

A dor da perda e o distanciamento da família são temas centrais na canção. O lamento que ecoa na letra é uma denúncia da solidão e da separação imposta pela migração. A morte do trabalhador longe de seus entes queridos e de sua terra de origem intensifica o drama do caipira na cidade, que perde não apenas a vida, mas também a possibilidade de um último adeus em seu ambiente familiar.

A canção não se encerra com a tragédia individual, mas com a resiliência e a dor compartilhada por aqueles que permanecem. A necessidade imperativa de continuar a subsistência no ambiente urbano, mesmo em meio ao luto, ilustra a implacável lógica do trabalho e da produção que se sobrepõe ao sofrimento. A música, assim, reflete o choque do migrante rural com a vida urbana, a desumanização das relações de trabalho e as consequências devastadoras da busca por oportunidades em um contexto que, muitas vezes, nega o afeto e as raízes em nome da sobrevivência.

Gravada em 1996, a canção "Levanta Patrão" surge em um momento em que as grandes ondas de êxodo rural já haviam consolidado a urbanização brasileira, mas as consequências sociais, econômicas e humanas desse processo ainda reverberavam intensamente. A letra, portanto, não apenas narra um evento isolado, mas reflete o sentimento e a memória de um período em que a realidade dos migrantes no ambiente urbano já era bem conhecida e suas dificuldades, observadas. A música se torna um testemunho das promessas nem sempre cumpridas da vida na cidade e das cicatrizes deixadas por um processo de modernização que exigia um alto custo humano, perpetuando a memória desses indivíduos cujos sonhos foram muitas vezes frustrados.

A melodia e a narrativa dessa moda de viola atuam como uma ponte entre a experiência passada e a reflexão contemporânea sobre ela. Ela evoca as memórias da vida no campo, a dignidade do trabalho rural e a conexão com a família e a terra,

contrastando-as com a frieza e a brutalidade do ambiente urbano que desvaloriza o indivíduo. Ao expressar a dor da perda e a solidão do migrante, "Levanta Patrão" reforça a importância das raízes caipiras e a percepção de que, para muitos, a cidade representou um sacrifício em vez de uma ascensão. A música, nesse sentido, é um documento cultural que ajuda a compreender as marcas deixadas pelo êxodo rural na identidade e na história do povo brasileiro, sendo uma representação significativa da vivência caipira.

4.3 CANARINHO PRISIONEIRO (CHICO REY E PARANÁ)

Letra da canção Canarinho prisioneiro (1995):

Sou aquele canarinho
Que cantou em seu terreiro
Em frente sua janela
Eu cantava o dia inteiro

Depois fui pra uma gaiola
E me fizeram prisioneiro
Me levaram pra cidade
Me trocaram por dinheiro

No porão daquele prédio
Era onde eu morava
Me insultavam pra cantar
Mas de tristeza eu não cantava

Naquele viver de preso
Muitas vezes imaginava
Se eu arrombasse essa gaiola
Pro meu sertão eu voltava

Um dia de tardezinha
Veio a filha do patrão
Me viu naquela tristeza
E comoveu seu coração

Abriu a porta da grade
Me tirando da prisão
Vá-se embora canarinho
Vá cantar no seu sertão

Hoje estou aqui de volta
Desde às altas madrugadas
Anunciando o entardecer
E o romper da alvorada

Sobrevoando a floresta
E alegrando minha amada
Bem feliz por ter voltado
Pra minha velha morada

A música "Canarinho Prisioneiro", interpretada por Chico Rey e Paraná, serve como uma metáfora poderosa para a experiência do indivíduo do campo que migra para a cidade, sentindo-se deslocado e infeliz, e que só encontra a verdadeira felicidade e pertencimento ao retornar ao seu ambiente rural. A canção explora o sentimento de não pertencimento urbano e a profunda ligação afetiva com o campo, que é o seu verdadeiro lar e a fonte de sua identidade.

A letra, em sua abertura, personifica o migrante na figura de um canarinho, que inicialmente desfrutava da liberdade e da alegria em seu ambiente natural, cantando incessantemente. Essa imagem evoca a vivência plena e orgânica no meio rural. A transição para a cidade é retratada como um aprisionamento; o pássaro é levado para uma gaiola e trocado por dinheiro, simbolizando a desumanização e a mercantilização da vida no contexto urbano, onde a liberdade e a dignidade parecem ter um preço.

No ambiente citadino, uma profunda tristeza toma conta do canarinho. Confinado, ele é coagido a cantar, mas a melancolia o impede, ilustrando a incapacidade de se adaptar à artificialidade da cidade, onde sua essência e sua alegria se perdem. A ausência do canto reflete a falta de sentido em um lugar que não reconhece sua natureza ou suas necessidades. Essa vida de reclusão na cidade alimenta um desejo intenso de retorno ao sertão, percebido como a única via para a liberdade e a felicidade.

O reencontro com a liberdade e o retorno ao campo são os pontos culminantes da narrativa. A compaixão de uma personagem que liberta o canarinho representa a possibilidade de resgate da identidade e da alegria perdidas. A permissão para que o pássaro volte a cantar em seu sertão é um convite para que ele reassuma sua verdadeira essência e seu lugar de pertencimento.

O desfecho da música celebra o retorno e a redescoberta da plenitude. O canarinho está de volta ao seu habitat, e sua melodia preenche o ar desde as altas madrugadas, anunciando o entardecer e o romper da alvorada. Sua presença sobrevoando a floresta e alegrando sua companheira simboliza a felicidade encontrada na familiaridade e na naturalidade de seu ambiente original. A satisfação por ter retornado à sua velha morada resume o sentimento de pertencimento inquestionável que o caipira tem pelo campo. A música, assim, conclui a jornada do indivíduo do campo que, após uma tentativa de vida na cidade, compreende que sua

verdadeira identidade e felicidade residem unicamente no retorno ao campo, reafirmando que a roça é o seu lugar de origem, de afeto e de pertencimento, o verdadeiro lar de quem vem da terra.

Essa idealização do mundo rural como repositório de virtudes é um traço marcante da música caipira, que contrapõe a simplicidade e a autenticidade do campo à complexidade e às injustiças do urbano. A paisagem rural é pintada como um espaço de liberdade, pureza e alegria genuína, enquanto a cidade é frequentemente retratada como um lugar de aprisionamento, ganância e relações superficiais. Essa dicotomia reflete uma visão nostálgica e, por vezes, romantizada da vida no campo, que se torna um refúgio simbólico frente às mazelas da modernidade.

Desse modo, a canção não apenas narra uma experiência individual de migração e retorno, mas também ressoa um sentimento coletivo presente em muitas obras sobre o rural brasileiro, onde o campo é visto como o guardião de um modo de vida mais justo e digno. A música consolida a imagem do ambiente rural como o local da verdadeira felicidade e da liberdade, em oposição à cidade, que se revela um espaço de privação e desilusão para o caipira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou trilhar um caminho de profunda imersão na cultura caipira e nas complexas dinâmicas socioterritoriais do Brasil, elegendo a moda de viola como lente privilegiada para essa análise. Através da união entre a produção bibliográfica da geografia cultural e a riqueza poética e melódica da moda de viola, almejou-se demonstrar que a música transcende o mero entretenimento, consolidando-se como um valioso instrumento para a compreensão das vivências humanas e das transformações do espaço geográfico.

A essência da pesquisa residiu em projetar a moda de viola como uma manifestação cultural autêntica, capaz de expressar a intrínseca relação entre o humano e seu ambiente, especialmente no que tange às vivências daqueles que se originaram do meio rural. A vida no campo, com sua riqueza cultural e complexidade inerente, mostrou-se um campo fértil para o estudo, onde a música caipira se tornou uma representação social vital para quem nasceu e vive no rural, ou para quem dele partiu. Ela se revelou um pilar de identidade e pertencimento, capaz de explicar as dinâmicas sociais e as adaptações frente às transformações, como a urbanização e o êxodo rural.

Ao longo da pesquisa, a moda de viola evidenciou-se como uma crônica sonora, capaz de narrar as saudades, os desafios, as perdas e as novas realidades vivenciadas por aqueles que deixaram o campo em busca de oportunidades na cidade. Essa perspectiva musical se mostrou indispensável para compreender o contraponto entre o modo de vida rural, pautado pelo sustento e não pelo comércio, e a lógica urbana, intrinsecamente ligada à produção de capital. A música caipira, nesse sentido, refletiu a autonomia e a relação mais direta com a terra, distanciando-se da lógica de mercado que impera nas cidades.

A investigação das letras de "Caipira de Coração" (Lourenço e Lourival), "Levanta Patrão" (Tião Carreiro e Pardinho) e "Canarinho Prisioneiro" (Chico Rey e Paraná) permitiu desvendar a ótica do caipira sobre a vida no campo e a transição para a vida urbana. Em "Caipira de Coração", a análise revelou o profundo afeto e pertencimento das famílias do campo à sua roça. A descrição detalhada do ranquinho, dos utensílios e das práticas agrícolas manifestou a autossuficiência, a

valorização do trabalho manual e a manutenção das tradições, ressaltando o orgulho de ser "a raiz do nosso país" e de encontrar felicidade na simplicidade da vida rural. Essa canção personifica o amor do caipira pelo campo, mostrando-o como um sentimento que reside no mais íntimo do ser, e que o campo é o lugar de sua plena realização.

Por outro lado, "Levanta Patrão" trouxe à tona a perspectiva dolorosa do caipira em sua jornada para a cidade. A música expressou a angústia do distanciamento de suas origens, as condições de trabalho muitas vezes desumanas no ambiente urbano e o trágico desfecho que pode ilustrar a violência de uma transição social marcada pela desilusão. A esperança inicial do migrante em busca de um futuro mais próspero é confrontada com a precariedade de sua existência na cidade e a indiferença de um sistema que o absorve e o explora. A letra ressaltou a integridade e a dedicação do trabalhador rural, cuja dignidade contrastava com as condições indignas do trabalho industrial. O lamento pela morte longe da família e da terra querida evidenciou a dor do afastamento e a implacável necessidade de subsistência urbana que se sobrepõe ao sofrimento.

Finalmente, "Canarinho Prisioneiro" funcionou como uma metáfora pungente para o sentimento de deslocamento e a busca por um lugar de pertencimento. A canção personifica o migrante que, ao ser levado para a cidade, sente-se aprisionado e infeliz, incapaz de expressar sua essência. A melancolia o impede de cantar, revelando a falta de sentido em um ambiente que não reconhece sua natureza. O intenso desejo de retorno ao sertão, percebido como a única via para a liberdade e a felicidade, culmina na redescoberta da plenitude ao voltar à sua "velha morada". Essa música, em sua essência, reafirmou que a roça é o lugar de origem, de afeto e de pertencimento, o verdadeiro lar de quem vem da terra.

A geografia cultural, por meio da geografia da música, provou ser uma ferramenta analítica indispensável para desvendar essas nuances. Conforme Panitz (2021), a música atua como um potente eixo de comunicação e análise do espaço geográfico e da vivência humana, contribuindo para a compreensão das relações entre espaço e cultura. A música não apenas reflete, mas também constrói o espaço, as identidades e as experiências, revelando as complexas interações entre a sociedade e seu ambiente. Ao analisar as canções caipiras, a geografia ganhou uma dimensão mais humana e sensível, capaz de captar as experiências vividas e as transformações identitárias dos migrantes.

A capacidade da música de expressar discursos, práticas e identidades permitiu desvendar as complexas relações entre a sociedade e seu território. O êxodo rural, por exemplo, impulsionou o crescimento de cidades e suas periferias, criando novos palcos para expressões musicais que, por sua vez, moldam a identidade desses novos espaços. Assim, o diálogo entre geografia e música se mostrou fundamental para uma compreensão holística dos fenômenos geográficos e sociais, contribuindo significativamente para o avanço da geografia cultural e para uma visão mais humana do espaço geográfico brasileiro. Em suma, o estudo demonstrou que a música é, de fato, geografia, revelando as fissuras e as pontes construídas pelos sujeitos no espaço, a persistência da identidade caipira em meio à urbanização avassaladora, e o papel da cultura na resistência e adaptação.

REFERÊNCIAS:

ABUD, Kátia M. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005.

CAIPIRA de Coração. Intérprete: Lourenço e Lourival. Compositor: João Miranda. *In: CAIPIRA de Coração: As Vozes de Cristal*. Intérprete: Lourenço e Lourival. São Paulo: Allegretto Digital, 2004. (3:05). Disponível em: <https://youtu.be/ctF4Hdq-Fro?si=9g-EcDHksRb3mkp->. Acesso em: 11 set. 2024.

CANARINHO Prisioneiro. Intérprete: Chico Rey e Paraná. Compositor: Ramoncito Gomes. *In: VOCÊ Não Sabe Amar*. Intérprete: Chico Rey e Paraná. São Paulo: Warner Music, 1995. (3:37). Disponível em: https://youtu.be/bVE9tEDqs5E?si=8A_yDMpUYXfkx4Tu. Acesso em: 11 set. 2024.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, jan. 1999. (Texto para Discussão, n. 621). Disponível em: repositorio.ipea.gov.br. Acesso em: 29 jun. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Editora 34, 2010.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-22, out. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Cultura, política, economia e espaço. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 27-39, jan./jun. 2014.

DUQUE, Luís Guilherme Ritta. A canção brasileira na sala de aula: possibilidades didático-pedagógicas. **Aedos**, n. 11, v. 4, set. 2012.

GOIÁ; BELMONTE. Saudade de minha terra. *In: Belmonte E Amaraí. Saudade de minha terra*. RCA Camden, 1967. Disco sonoro. Lado A, faixa 5.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 173-184, set./dez. 2001. Disponível em: [\[https://www.scielo.br/j/ea/a/HzMFQkWyQ9JL8J6pFctfXXP/i\]](https://www.scielo.br/j/ea/a/HzMFQkWyQ9JL8J6pFctfXXP/i). Acesso em: 29 jun. 2025.

GUERRA, Luiz Antonio. Os significados de caipira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 239-256, maio/ago. 2022.

HASSLER, Márcio Luís. O êxodo rural como fator de ocupação territorial no bairro São José de Passo Fundo/ RS. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 24-30, jun. 2006. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/215>.
Acesso em: 26 set. 2024.

JACKSON, Peter. **Maps of Meaning**: an introduction to cultural geography. London: Unwin Hyman, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975.

PANITZ, Lucas Manassi. GEOGRAFIA DA MÚSICA: um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 50, p. 13-27, 20 dez. 2021. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/65164>. Acesso em: 23 out. 2024.

PETERLINI, Marlon. Caipira Na Cidade - Uso De Música Caipira Como Fonte Para O Ensino De História Sobre Êxodo Rural E Industrialização. In: Encontro Regional De História Da ANPUH-PR, 18., 2022, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: ANPUH-PR, 2022. p. 1-11. ISBN: 978-65-00-59140-8.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: Por uma epistemologia da Existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, ago. 1996.

TIÃO CARREIRO E PARDINHO. Levanta Patrão. In: Tião Carreiro e Pardinho. **Os grandes sucessos de Tião Carreiro e Pardinho**. [S. l.]: Chantecler, [1996]. Disco de vinil. Faixa 1.